

VIVÊNCIAS DE MAL-ESTAR NA TRANSIÇÃO DA LICENCIATURA À DOCÊNCIA

EXPERIENCES OF ILL-BEING IN TRANSITION FROM SCHOOL OF EDUCATION TO TEACHING PRACTICE

EXPERIENCIAS DE MALESTAR EN LA TRANSICIÓN DE LA LICENCIATURA A LA DOCENCIA

Adelar Aparecido Sampaio*, Claus Dieter Stobäus,
Marcio Alessandro Cossio Baez****

Palavras chave:

Educação
continuada.
Docentes.
Esgotamento
profissional.

Resumo: O artigo aborda aspectos de mal-estar discente/docente, entre as fases de formação acadêmica e início da docência. Participaram do estudo sessenta e oito licenciandos, sendo acompanhados cinco destes no primeiro ano da profissão docente. A abordagem utilizada foi qualitativa em nível exploratório-descritivo, por meio de questionários e entrevistas, tratados com análise de conteúdo. No período de formação na licenciatura, destacam-se principalmente os desafios pessoais e acadêmicos na formação, insegurança relacional na interação com sujeitos envolvidos na escola, instabilidade na profissão e desvalorização profissional. No início na docência, apresentam-se dificuldades em lidar com a indisciplina e a desmotivação dos alunos ao aprendizado, clima relacional instável entre docentes e falta de apoio pedagógico e psicológico. Sugerem-se abordagens temáticas relacionadas à prevenção do mal-estar e otimização do bem-estar docente.

Keywords:

Education
Continuing.
Teachers'.
Professional
burnout.

Abstract: The article discusses aspects of student/teacher ill-being between academic education and early teaching practice. The study included sixty-three Education School graduates, five of whom were followed during the first year of their teaching practice. The approach used was qualitative at an exploratory-descriptive level, through questionnaires and interviews treated by content analysis. In college, mainly personal and academic challenges in education, lack of relational confidence in interaction with subjects involved in school, instability in the profession, and lack professional appreciation. In early teaching practice, difficulties emerge in dealing with indiscipline and students' lack of motivation for learning, unstable relational atmosphere among teachers, and lack of pedagogical and psychological support were observed. Thematic approaches to prevent ill-being and optimize teachers' wellbeing are suggested.

Palabras clave:

Educación continua.
Docentes.
Agotamiento
profesional.

Resumen: El artículo aborda aspectos de malestar alumno/docente, entre las etapas de la formación académica y el inicio de la docencia. Participaron del estudio sesenta y ocho educandos, donde se acompañó a cinco de ellos en el primer año de la profesión docente. El enfoque utilizado fue cualitativo en nivel exploratorio descriptivo, a través de cuestionarios y entrevistas, tratados con análisis de contenido. En el período de formación en la graduación, principalmente destacan principalmente los desafíos personales y académicos en la formación, la inseguridad relacional en la interacción con individuos implicados en la escuela, inestabilidad en la profesión y desvalorización profesional. Al comienzo de la docencia, se presentan dificultades para lidiar con la indisciplina y la falta de motivación de los alumnos en relación al aprendizaje, ambiente relacional inestable entre los profesores y falta de apoyo pedagógico y psicológico. Se sugieren abordajes temáticos relacionados con la prevención del malestar y la optimización del bienestar docente.

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil.
E-mail: adelarsampaio@hotmail.com

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
E-mail: stobaues@pucrs.br;
marciocossiobaez@hotmail.com

Recebido em: 06-06-2016
Aprovado em: 05-07-2017



1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o percurso de transição da licenciatura para docência pode conduzir a atribuições e a expectativas de otimização de experiências positivas e à superação da influência de experiências negativas, esse período pode ser determinante para o desenvolvimento de mal/bem-estar na vida pessoal e na profissional docente (SAMPAIO, 2014). Nesse sentido, a investigação dessa conjuntura nos desafia a refletir e reconhecer, primeiramente, a existência de várias interações do contexto formativo que incidem no processo de formação e, conseqüentemente, na socialização profissional.

Por outro lado, a dinâmica social desafia a formação docente com alterações muito profundas, gerando uma série de adversidades que pesam, sobretudo, nos ombros dos professores (MOSQUERA; STOBÄUS, 2000). O advento da terceira revolução educacional desvelado por Esteve (2004), as mudanças sociais destacadas por Wittizorecki (2009) e Wittizorecki *et al.* (2012) nos remetem a reflexões acerca das profundas mudanças na vida da sociedade, que estabelecem uma crise de desorientação, invadindo os muros da escola e afetando negativamente os ambientes de ensino, deixando os professores desorientados em seu contexto de atuação.

No que diz respeito à formação em Educação Física, Wittizorecki e Molina Neto (2005) argumentam que os professores se encontram perplexos frente a algumas mudanças sociais e culturais, o que tem produzido um distanciamento entre o que a área tradicionalmente construiu como sua tarefa primordial na escola, mormente em relação ao ensino-aprendizagem das manifestações da cultura corporal do movimento humano e de demandas de outras ordens, como a gestão de conflitos e o atendimento de tarefas provenientes de inovações curriculares. Ainda, Farias e Nascimento (2012) ressaltam que a problemática está no descontentamento diante da realidade da intervenção e nas evidências que colocam as condições de trabalho e a vida profissional docente.

Tais eventos afetam o trabalho cotidiano dos professores na sala de aula e nos levam a entender que a docência, mediante as exigências e encargos na Educação, vem necessitando de uma atenção maior no exercício de sua profissão, de acordo com Mosquera e Stobäus (1996; 2000), principalmente, quando nos deparamos com achados que incluem essa profissão entre as categorias profissionais mais propensas a desenvolver níveis elevados de estresse, de acordo com Jesus (2007), podendo, em consequência disso, desencadear o desenvolvimento do mal-estar docente.

Compreendendo a importância de ampliar estudos sobre esse período de formação inicial da profissão, o estudo apresenta situações indutoras de mal-estar vivenciadas por licenciandos/docentes na transição da formação acadêmica para o início da profissão, enfocando aspectos de experiências pessoais, acadêmicas/profissionais, com vistas a fornecer subsídios para a otimização do processo de formação inicial docente.

2 MAL-ESTAR NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

O contexto de formação acadêmica nas licenciaturas no Brasil sinaliza a necessidade de entender melhor as situações vivenciais do licenciando/docente, principalmente por haver

carência de estudos relacionados com situações de mal/bem-estar nessa esfera de formação e a carente institucionalização de apoios aos sujeitos envolvidos nesse âmbito formativo.

Importantes estudos da área (ESTEVE, 1994; JESUS, 1996; 1998; 2000; 2002; 2012; MOSQUERA; STOBÄUS, 1996; 2000; SANTINI, 2004; SANTINI; MOLINA NETO, 2005; SAMPAIO, 2008; 2014; SINOTT *et al.* 2014; SILVA; KRUG, 2004) sublinham fatores negativos indutores de mal-estar que afetam o docente e a formação do potencial futuro professor, como a massificação do ensino, a excessiva exigência política colocada sobre o trabalho do professor, as alterações ocorridas na estrutura e dinâmicas das famílias, o acelerado desenvolvimento tecnológico e os conteúdos transmitidos pela mídia, a desvalorização profissional, o número excessivo de alunos nas turmas, a indisciplina na escola. Tais ocorrências apontam para a necessidade de medidas precisas, em consideração aos crescentes casos de doenças que acometem os docentes (ESTEVE, 1994), como a Síndrome do Esgotamento Profissional – SEP, e o abandono da profissão de forma precoce (SANTINI, 2004; SANTINI; MOLINA NETO, 2005), conforme apontam autores supracitados.

Para Mosquera e Stobäus (1996; 2000), as constantes e rápidas mudanças do contexto social incidem sobre o professor em diversas situações, concorrendo para o desenvolvimento de situações de mal-estar docente. Segundo os autores, as condições econômicas e políticas não têm sido suficientemente favoráveis aos professores, condenando-os a realizar mal o seu trabalho, já que seus vários encargos têm crescido assustadoramente, incidindo em sobrecarga de trabalho cada vez maior, além de um contínuo acirramento deste problema, desgastando a docência ante as insatisfações dos professores, descontentamento dos alunos, improdutividade do conhecimento e ainda desconfiança social.

No estudo realizado por Santini e Molina Neto (2005) com professores de Educação Física que se afastaram de suas funções docentes por conta da Síndrome de *Burnout*, considerado por Jesus (2002) como uma resposta ao estresse profissional prolongado e crônico, que pode ocorrer quando as capacidades ou competências de resistências e as estratégias de *coping* utilizadas pelo sujeito se revelam inadequadas ou insuficientes, um dos problemas detectados foi a formação acadêmica insuficiente para enfrentar o choque com a realidade escolar. Além disso, o estudo realizado por Both (2011) com professores de Educação Física do magistério público estadual da Região Sul do Brasil relacionou um comportamento preocupante entre os docentes investigados sobre o controle do estresse. Segundo o autor, a sobrecarga de trabalho, atrelada às obrigações familiares e da comunidade, assim como as características pessoais e profissionais, podem interferir no modo com que os professores encaram os fatores estressantes. Desta maneira, os problemas relacionados ao estresse afetam o nível de integração do professor no ambiente de trabalho e trazem problemas patológicos.

Huberman (1995), a respeito das fases da carreira docente, verificou com base numa análise fatorial que aqueles que apresentam, sobretudo, motivações materiais e passivas se situam no eixo do mal-estar, enquanto aqueles que privilegiam as motivações ativas, aquelas que dependem dos fatores intrínsecos, como as motivações pessoais do indivíduo, se situam no eixo do bem-estar profissional. No entanto, para o autor, muitos professores desiludidos e insatisfeitos com a profissão docente reduzem o seu esforço ao mínimo, diminuindo a sua implicação pessoal, como forma de evitarem serem postos em questão ou de preservarem a sua autoestima. Foi o que apontou o estudo de Both (2011) sobre os professores que se encontravam na fase de entrada da carreira docente, os quais apresentaram-se mais

insatisfeitos com as condições de trabalho. Nesse sentido, o autor manifesta que isso reflete o “choque com a realidade” que vivem os docentes menos experientes ao entrar no mercado de trabalho. Na prática, tendo em conta a dificuldade em arranjar outro emprego, a atitude mais frequente por parte destes professores seria manter o desejo de abandonar a profissão sem o concretizarem na realidade, recorrendo a outros mecanismos de evasão dos problemas cotidianos (JESUS, 1998; 2002).

No Brasil é evidente a carência de apoio pedagógico na fase inicial de docência, conforme aponta Sampaio (2014), justamente no início da prática profissional, no período de formação docente inicial, cunhado por Jesus (2002; 2007) como a fase em que os professores sentem maior necessidade de aprendizagem, estando mais suscetíveis às correções e sugestões. Nessa perspectiva, Santini e Molina Neto (2005) destacam que a formação para docência em Educação Física deve propiciar condições necessárias para o enfrentamento do estresse cotidiano, e, de outra parte, os órgãos gestores devem estabelecer dinâmicas apropriadas que permitam melhores condições de trabalho.

Nessa direção, os estudos longitudinais de investigação-ação realizados em Portugal (JESUS, 1998; 2007; JESUS; ESTEVE, 2000; 2004) e mais recentemente no Brasil sobre a temática mal-estar e bem-estar docente (SAMPAIO, 2008; 2014; SAMPAIO *et al.*, 2008; SAMPAIO) revelam a importância de se investir na formação inicial de professores, em melhorias do contexto sociopolítico, uma vez que, nessa etapa de formação, há maior probabilidade de sucesso frente às situações de mal-estar, de acordo com Esteve (1994). Não obstante, as constatações recentes nos animam também a destacar um número crescente de pesquisas realizadas sobre o mal-estar e bem-estar docente, além das evidências gratificantes sobre benefícios de programas voltados à potencialização do bem-estar de professores (SAMPAIO, 2008; SAMPAIO; STOBÄUS, 2009; 2010).

Além disso, é importante responsabilizar o próprio professor pela sua formação, potencializando o processo reflexivo sobre as próprias vivências, como na abordagem metodológica de estudo sobre suas histórias de vidas, carreiras, percursos profissionais (NÓVOA, 1995), das narrativas docentes (GOODSON, 2004), incentivadas e utilizadas por Molina e Molina Neto (2010), Wittizorecki *et al.* (2006) no âmbito da formação de professores de Educação Física, haja vista o entrelaçamento de experiências pessoais e acadêmicas/profissionais em seu percurso formativo.

3 METODOLOGIA

O estudo qualitativo em nível exploratório-descritivo foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira no período final da formação pedagógica em 2012, realizada com licenciandos do último período dos cursos de Pedagogia, Educação Física e Letras de uma instituição privada do Paraná.

Os sujeitos participantes da primeira etapa constituíram a amostra de 68 alunos, sendo 53 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com idades compreendidas entre 19 e 46 anos de idade, todos cursando o último ano dos seus respectivos cursos e ainda não haviam exercido docência como professor titular. Do total da amostra, 20 eram do curso de Pedagogia, 28 do curso de Educação Física e 20 do curso de Letras.

Como instrumento de coleta de dados da primeira etapa, foi utilizado questionário com questões abertas, que foram respondidos em sala de aula neutra, sem a intervenção de terceiros. Como critério de inclusão, restringimos a coleta de dados aos licenciandos formandos, no final do segundo semestre letivo, e exclusão, aos que ainda, naquele mesmo ano, não eram considerados aptos à conclusão de seus respectivos cursos.

De modo a preservar o sigilo das suas identidades, suas identificações foram substituídas pelos números de “1” a “68”, (1 a 20 para licenciandos em Pedagogia, 21 a 48 licenciandos em Educação Física e 49 a 68 licenciandos em Letras) antecedidos pelas letras “S” de sujeito e sucedidos pelas letras que identificam seus cursos: P para Pedagogia, EF para Educação Física e L para Letras.

Na segunda fase, em 2013, acompanhamos cinco sujeitos participantes da primeira etapa, adotando como critérios de escolha os concluintes do curso de Educação Física que haviam iniciado seu primeiro ano de atuação profissional e que manifestaram sua disponibilidade na continuidade da pesquisa, mediante contato por correio eletrônico. O critério de exclusão foi empregado aos diplomados que não haviam ingressado na carreira docente no ano seguinte à sua formação.

Para coleta de dados nesta fase, optamos pela entrevista, todas realizadas entre os meses de novembro e dezembro do referido ano. Ambos os instrumentos (questionário e entrevista) foram organizados pretendendo analisar as potenciais fontes de mal-estar experienciadas no contexto da formação acadêmica e no início da docência. Para sua organização, partimos do planejamento e formulação das questões, tomamos como referência o questionário de avaliação da motivação docente e indicadores de mal/bem-estar docente (JESUS, 1996) e o roteiro de entrevista da pesquisa mal/bem-estar na docência (STOBÄUS; MOSQUERA, 2009), ordenando a sequência das perguntas e o aspecto visual (para o questionário), seguido de testagens utilizando uma pequena amostra, o que nos permitiu corrigir alguns problemas levantados e sua reorganização.

Quanto à análise das informações, tanto as entrevistas como os questionários foram tratados com análise de conteúdo na proposta de Bardin (2011). As entrevistas, realizadas individualmente, foram gravadas, transcritas e posteriormente devolvidas aos respectivos entrevistados para que validassem o seu conteúdo e avaliassem a fidedignidade dos registros.

O estudo foi aprovado pela Comissão Científica, em 2012, sob número 079/2012 e do Comitê de Ética da PUCRS – CEP – sob número 09470612.7.0000.5336, contando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE e respeitando os aspectos éticos de pesquisas com pessoas.

4 MAL-ESTAR NO CONTEXTO DE FORMAÇÃO NA LICENCIATURA

Os resultados do estudo da primeira etapa com licenciandos foram elencados a partir do Questionário Formação na Licenciatura, que buscou achados sobre as situações de mal-estar vivenciadas pelos sujeitos no contexto formativo.

Quanto às potenciais fontes de mal-estar, as principais indicações estão relacionadas com o **sentimento de instabilidade na profissão e a desvalorização profissional**, indicados por 37 sujeitos, dos quais citamos alguns de seus apontamentos: “Insegurança, medo de não

conseguir expor minhas ideias com clareza” S65L; “Os alunos não respeitam, os profissionais lá fora nos olham com repúdio, pelo fato de sermos meros estagiários” (S32EF); “Desanima quando sabemos dos baixos salários dos docentes”(S62L). Vemos que é muito presente a angústia sobre incertezas, desafios da profissão docente e percebemos uma grande preocupação quanto a este momento que se aproxima na vida do licenciando.

Outras fontes de mal-estar estão relacionadas com a **percepção de atitudes/posturas negativas na escola**, como a violência e a indisciplina dos alunos, falta de responsabilidade social de docentes, situações indicadas por 27 licenciandos, cujas respostas destacamos: “Nos estágios quando me deparei com situações de violência nas escolas” (S31EF); “A indisciplina dos alunos é algo que me incomoda” (S4P); “Me angustia o mau comportamento dos alunos [...]” (S62); “Me sinto mal quando o aluno testa a autoridade do professor” (S30); “Existe o descaso de alguns alunos e profissionais da área” (S33);

A indisciplina dos alunos está entre as maiores causas de mal-estar docente, segundo Jesus (2002), com agravantes no caso de manifestação com violência. Atualmente, a violência nas escolas se apresenta como um dos principais obstáculos para melhoria da qualidade da Educação Básica do Brasil, segundo Pacievitch, Girelli e Eynng (2009). Como consequência, na formação docente, se constitui um dos maiores entraves, pois revela ao potencial futuro professor um ambiente laboral hostil, podendo incidir na sua desmotivação pela profissão.

Ainda foram apontadas as **dificuldades nas relações com professores das escolas**, mencionadas por 39 licenciandos, como citam relacionando à atividade de estágio na escola, das quais destacamos: “Nos estágios, a convivência com professores que já atuam há tempo na escola é conflituosa” (S62L); “Na escola foi difícil, pois muitos professores não valorizam o estagiário” (S28); “Existem algumas pessoas nas escolas que não estão nem aí para tua formação” (S22EF). O estudo com vários estudantes de Pedagogia e Educação Física (SOUZA NETO; SARTI; BENITES, 2016) apontou indícios de preferência dos potenciais futuros docentes no início do estágio a compartilhar o recreio com os alunos, a frequentar a sala de professores. No caso da Educação Física, o estudo revelou que, além do recreio, é comum que os estagiários se aliem ao grêmio estudantil na organização de campeonatos para a escola. De acordo com os autores, é prevalente na escola o acolhimento dos estagiários como alunos da universidade e não como (potenciais) futuros professores, além de que, por outro lado, os estagiários não reconhecem a instituição como um ambiente de formação profissional.

É importante que se lembre sobre os professores que recebem os estagiários, não retirando sua função de colaborador à formação do futuro docente, sobre as demandas crescentes a eles nas escolas, sendo que muitas vezes não conseguem atender às necessidades de apoio a seus próprios alunos (SAMPAIO, 2014). De qualquer modo, as ações dos professores colaboradores das escolas e própria escola é parte integrante da formação dos futuros docentes, cabendo a interação com os estagiários oferecendo suporte aos sujeitos envolvidos.

Há necessidade de se reconhecer o papel da escola como espaço de formação do futuro profissional. Nesse sentido, de acordo com os estudos de Lüdke e Rodrigues (2010), Mira e Romanowski (2012), os maiores desafios se referem à necessidade de preparação do professor da escola básica para receber, acompanhar e orientar os estagiários, além da própria necessidade de revisão das condições de trabalho nas escolas.

Outra fonte indutora de mal-estar é a **falta de recursos financeiros para manter os estudos**, indicada por 15 licenciandos, cujas respostas elencamos: “Às vezes falta de recursos financeiros para os estudos” (S2P); “tenho dificuldades para pagar os custos com a faculdade” (S19P). Embora somente dois licenciandos tenham se manifestados com essa resposta, sabemos que a relação de dupla jornada é fato muito presente entre os sujeitos, o que pode conotar uma opção à necessidade de manutenção do curso.

É notável a relação dos licenciandos com a dupla jornada. Do total da amostra (68), 53 indicaram a manutenção de vínculo com trabalho paralelo à sua formação. Segundo Gatti (2010), o perfil socioeconômico de quem escolhe o magistério mudou nos últimos anos, sendo a maioria pertencente a famílias de classe econômica menos favorecida.

Esses entraves na formação acadêmica do licenciando acarretam **cansaço físico o mental** como consequência, conforme 36 respostas, das quais apresentamos: “O cansaço prejudica o meu desempenho” (S39EF); “Me prejudica em relação ao cansaço e estresse, pois moro distante da faculdade e tenho que conciliar com meu trabalho” (S49L). É visto que após uma jornada de trabalho durante o dia, muitas vezes com as dificuldades de deslocamentos e distâncias a percorrer para chegar à instituição de formação, o cansaço pode tirar-lhes a concentração e consequentemente interferir no aprendizado. Conforme expressam Amaral e Silva (2008), o desempenho acadêmico é a preocupação principal dos estudantes, particularmente nos primeiros anos da universidade, e as situações percebidas como principais fontes de estresse são os exames, problemas financeiros, medo de falhar em tarefas específicas e decisões relativas à carreira.

5 MAL-ESTAR NO CONTEXTO INICIAL DA DOCÊNCIA

Os dados elencados a seguir surgiram das entrevistas com docentes iniciantes e apresentam as situações de mal-estar docente relacionando às potenciais fontes, nos sujeitos pesquisados, seguido de análises e discussão com a literatura da área.

Uma das **principais fontes de mal-estar é a indisciplina dos alunos, aliada à falta de interesse dos alunos pela aprendizagem**, inclusive destacando como consequência a **existência de um clima de insegurança**, o que conduz ao sentimento de mal-estar docente vivenciado no início da docência, conforme relatam: “Minha maior dificuldade é lidar com a indisciplina dos alunos. A gente se sente mal por que eles chegam até a te afrontar” (S23EF); [...] junto com a falta de interesse vem a indisciplina [...] eles não querem aprender, começam a aterrorizar, a ameaçar você, no verdadeiro sentido da palavra [...] (S39EF); “Tive uma turma que eu cheguei a pedir para desistir dela na metade do ano [...]” (S32EF).

Marcelo Garcia (1999) verificou que as principais preocupações dos professores no primeiro ano de serviço se centram na motivação dos alunos e na gestão do seu comportamento na sala de aula. Veenman (1988) aponta a disciplina como primeira dificuldade das indicadas por professores iniciantes. Para o autor, nem todos os professores têm esse problema, mas uma grande parcela é afetada por ele. É no âmbito relacional, nomeadamente com os alunos, que os professores em início de carreira têm mais problemas (JESUS, 2002; 2007). Além disso, Esteve (1994) nos lembra que boa parte das dificuldades dos professores em início de carreira aumenta porque eles usualmente ficam com os piores horários e com as turmas mais difíceis.

O **estresse provocado pelo acúmulo e sobrecarga de trabalho** aparece como fonte de mal-estar, relatado pelos sujeitos: “Eu me sobrecarrego bastante fazendo planejamento, mas não tem como fazer o aluno aprender se ele não quer. Então isso é muito desgastante” (S28EF); “É difícil você se empenhar e não ver resultado que a gente espera [...] além do mais existe a situação de você ter que dar conta de muita coisa ao mesmo tempo” (S37EF); “Eu levo trabalho para casa para dar conta de tudo. No final do bimestre então nem se fala, é uma correria” (S23EF).

Cada pessoa atribui um valor diferente ao sucesso em cada empreendimento da sua vida. Nos casos específicos evidenciados, se a competência avaliada é inferior à desejada, pode ser que tenha consequências negativas sobre seu processo de formação docente. Nesse sentido, ressaltamos a importância de refletir sobre os fatores de estresse e mal-estar docente, na perspectiva de encontrar soluções para esse problema, pois segundo Jesus (2007) a ênfase colocada sobre esse fenômeno e as suas causas podem conduzir à generalização, entre os próprios professores, como estado de normalidade, acentuando-se aspectos negativos da profissão, dificultando a percepção dos aspectos positivos dessa atividade profissional.

No contexto da docência em Educação Física, as condições laborais insatisfatórias impõem dificuldades de ressignificar os espaços escolares (OLIVEIRA; SILVA; MOLINA NETO, 2011). Na realidade da maioria das escolas públicas, acentuam o nível de estresse do profissional e podem levar à Síndrome de *Burnout* (GIL-MONTE; PEIRÓ, 1997, BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Molina Neto (1997) reflete a formação inicial em Educação Física sobre certas ausências e a necessidade de uma revisão crítica no que se refere ao trabalho do professor na escola. Para o autor, ressaltando o despreparo dos professores para trabalhar na escola pública, além de se caracterizar pelas diferentes condições materiais objetivas entre o “como aprendem” e o “como vão ensinar”, é importante considerar também a seleção do conhecimento e a dependência do material e do espaço físico.

Outra situação verificada como potencial fator de mal-estar é a **insegurança de vínculo no trabalho**, conforme destacam em relatos: “Eu sei que no fim do ano eu fico sem emprego, então isso me preocupa [...] será que vou conseguir aulas ano que vem?” (S32EF); “Essa é uma situação que me incomoda bastante, pois a gente não pode se planejar [...]” (S39EF); “Esse ano sei que tenho aula, mas para o outro eu não sei” (S23EF). Para o docente iniciante, esse contexto é sempre de muita preocupação, uma vez que a realidade do contexto sociopolítico *não* perspectiva a efetivação de vínculo profissional por concurso público nas escolas de modo a acompanhar as demandas de necessidades presentes. Nóvoa (1992) destaca que os problemas de ordem política podem desqualificar a dimensão profissional dos saberes docentes e levar ao desinvestimento na docência ou de formação de professores em problemas pedagógicos.

Para os professores iniciantes, a **falta de apoio pedagógico aos docentes iniciantes por parte dos demais profissionais da escola** não proporciona condições para exercer a docência com maior eficácia profissional, conforme relatam: “Quando entrei na escola [...], eles mal falaram comigo, entrei na sala e foi difícil, você não tem aquele suporte, nem me acompanharam” (S37EF); “Foi bem difícil no início, tive que me virar sozinha” (S23EF).

Jesus (2007) evidencia o apoio aos docentes iniciantes como fundamental no início da prática profissional. Entre sugestões mais aprazíveis, para Veenman (1988) estariam: o fornecimento de informações sobre as condições de trabalho e as regras da escola; visitas à escola antes do início das aulas; reuniões com os supervisores; conferências sobre tópicos específicos; oportunidades para observar aulas de colegas, ensino em equipe, encontros e reuniões com professores mais experientes. Nóvoa (1992) discorre sobre o diálogo entre os professores como fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional, destaca como uma necessidade atual a criação de redes coletivas de trabalho como fator decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente. Para o autor, a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.

Os professores iniciantes ainda citam a **falta de apoio psicológico ao professor**: “Os problemas acontecem e muitas vezes não temos a quem recorrer [...] isso vai acumulando [...]” (S28EF); “Precisaria de psicólogo para nos ajudar a saber como reagir nessas situações” (S23EF). Muitas vezes, se servem de auxílio de amigos e colegas mais próximos quando se deparam com situações mais difíceis, como exemplo, citamos: “Busco sempre o apoio da coordenação, mas não é sempre que isso é possível” (S39EF). Essa situação é recorrente e Nunes e Teixeira (2000) já nos alertavam sobre essa carência.

Embora as condições materiais e o contexto sociopolítico tenham grande importância para o exercício do magistério, percebemos que os avanços promovidos pela democratização do ensino, as alterações na dinâmica social e o atual contexto sociopolítico não têm acompanhado a necessidade de ajustes nos sistemas educacionais, nas condições de trabalho e na formação dos professores. Esse cenário nos desafia a (re)desenhar esse quadro, porque esta nova etapa supõe criar condições para viver um novo momento, no qual se revalorize a figura do professor, no sentido de dar-lhe oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EVIDÊNCIAS

O processo de transição da licenciatura à docência abordado no estudo caracterizou-se pelo “choque com a realidade” sentido pelos licenciandos e professores iniciantes, a partir do confronto com uma série de contrastes e dificuldades contextuais de sua profissão.

As manifestações levantadas sobre potenciais fatores de mal-estar nos remetem à reflexão sobre as demandas do contexto de formação de novos docentes. Nomeadamente, o sentimento de instabilidade na profissão, sobrecarga de trabalhos, dificuldades em conciliar a vida acadêmica, profissional e familiar, a desvalorização social da profissão docente e as atitudes/posturas negativas do contexto escolar, como a violência na escola, indisciplina dos alunos e dificuldades nas relações com professores das escolas. De certo modo, essas adversidades antecipam a possível futura vivência da vida profissional com fatores que afetam negativamente a motivação para a profissão e o bem-estar.

No contexto da docência os principais fatores indutores de mal-estar evidenciados foram a indisciplina dos alunos aliada à falta de interesse e motivação pelo aprendizado. Concomitante a isso, estresse provocado pelo acúmulo e sobrecarga de trabalho, a desunião de professores das escolas e a falta apoio pedagógico aos docentes iniciantes são destaques

negativos do início da docência. São ressaltados, ainda, o clima de insegurança e a falta de confiança no trabalho do professor iniciante.

Embora exista nosso reconhecimento de uma crescente linha de estudos nos últimos anos abordando questões como saúde docente, mal-estar e bem-estar na docência, por parte de pesquisadores preocupados com essas temáticas, as evidências entre os achados sobre fontes de mal-estar entre os grupos (licenciandos e professores iniciantes) sinalizam a urgência em entender melhor as situações vivenciais e suas implicações, principalmente em processos de intervenções preventivas, sobre possíveis fatores indutores de mal-estar, passando pelo desenvolvimento e potencialização de recursos cognitivos e comportamentais.

Nesse objetivo e visando otimizar o processo de transição de licenciando a docente, de modo a prevenir o “choque com a realidade”, fator contribuinte para o mal-estar, vemos a urgência de que as formas de organização, desenvolvimento e avaliação da formação acadêmica sejam repensadas e revistas, de modo a proporcionar aos potenciais futuros professores um contato mais próximo e efetivo com a realidade escolar, que lhes possibilite o conhecimento dos sujeitos e das situações reais que serão enfrentadas futuramente na prática profissional.

Como alternativas sugerimos a abordagem de programas de intervenção preventiva sobre possíveis fatores indutores de mal-estar, passando pelo desenvolvimento de potencialização de recursos cognitivos e comportamentais aos licenciandos, aprofundando temáticas como: a indisciplina dos alunos, compreensão das fontes geradoras dos fatores estressores, estratégias relacionais assertivas, sem deixar de ampliar as discussões sobre alterações institucionais entre a instituição formadora e a escola, como a previsão e desenvolvimento de ações mais efetivas de apoio pedagógico, considerando que essa etapa também é carregada por mudanças consideráveis na vida do potencial docente.

Em relação às escolas, é imprescindível que sejam investidos recursos no aprimoramento da formação educacional e nas reais condições de trabalho do docente, no sentido de criar um contexto favorável para o exercício da profissão, com qualidade e bem-estar, fomentar melhores qualificações ao desenvolvimento profissional permanente, institucionalizar apoio pedagógico e psicológico aos docentes iniciantes e promover a interação deles com o coletivo docente com vistas a desencadear um ambiente de cooperação e bem-estar. No que tange à Educação Física, sem esquecer da responsabilidade do professor, é prioritário que sejam introduzidas alterações na abordagem da transmissão da imagem social da disciplina e do professor, valorizando sua importância e, do mesmo modo, na melhoria das condições estruturais e materiais.

Convém salientar que as discussões trazidas neste texto, ainda que apresentem semelhanças com os resultados de outras investigações, sustentam-se em dados que dizem respeito a uma realidade específica de um grupo de licenciandos e de professores iniciantes, bem como de um período de formação. Por essa razão, consideramos essencial que outras realidades sejam investigadas e a temática seja ampliada, aprofundada e redimensionada, da mesma forma que possa acompanhar carreiras e percursos profissionais em sentido continuado.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Paula; SILVA, Carlos Fernandes da. Estado de saúde, stress e desempenho acadêmico numa amostra de estudantes do ensino superior. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 42, n. 1, p. 111-133, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOTH, Jorge. **Bem estar do trabalhador docente em Educação Física da Região Sul do Brasil**. 2011. 248f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2011.
- ESTEVE, José Maria. **O mal-estar docente**. 3. ed. Barcelona: Paidós, 1994.
- ESTEVE, José Maria. **A terceira revolução educacional**: a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 2004.
- FARIAS, Gelcemar Oliveira; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Fatores intervenientes na carreira de professores de educação física. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 2, p. 272-550, abr./jun. 2012.
- GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.
- GIL-MONTE, Pedro R.; PEIRÓ, José M. **Desgaste psíquico em el trabajo**: el síndrome de quemarse. Madrid: Síntesis, 1997.
- GOODSON, Ivor (Org.). **Historias de vida del profesorado**. Barcelona: Octaedro, 2004.
- HUBERMAN, Michael. **Le cycle de vie professionnelle des enseignants secondaires. Résumé d'une recherche démentielle**. Genève: Université de Genève, 1989. (Cahiers de la Section des Sciences de l'Éducation, 54).
- JESUS, Saul Neves de. **A motivação para a profissão docente**: contributo para a clarificação de situações de mal-estar docente e para a fundamentação de estratégias de formação de professores. Aveiro: Estante, 1996.
- JESUS, Saul Neves de. **Bem-estar dos professores**: estratégias para realização e desenvolvimento profissional. Porto: Porto Editora, 1998.
- JESUS, Saul Neves de. Pistas para o bem-estar dos professores. **Educação- PUCRS**, v. 26, n. 43, p. 123-132, 2001.
- JESUS, Saul Neves de. **Perspectivas para o bem-estar docente**. Porto: ASA, 2002.
- JESUS, Saul Neves de. **Professor sem stress**: realização profissional e bem-estar docente. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LÜDKE, Menga. O estágio e seu papel na socialização profissional de professores. In: REBOLO, Flavinês et al. (Orgs.). **Docência em questão**: discutindo trabalho e formação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 161-180.
- MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MIRA, Marília Marques; ROMANOWSKI, Joana Paulin. A relação universidade-escola no estágio supervisionado do curso de pedagogia: desafios e possibilidades. **EntreVer**, v. 2, n. 3, p. 184-199, jul./dez. 2012.

MOLINA NETO, Vicente. A Cultura do Professorado de Educação Física das Escolas Públicas de Porto Alegre. **Revista Perfil**, v. 4, n. 7, p. 34-42, 1997.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg; MOLINA NETO, Vicente. Pesquisar com narrativas docentes. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-93.

MORAIS, Lerkiane Miranda de Moraes; MASKARENHAS, Suely; PAIS RIBEIRO, José Luis. Diferença de Gênero Verificada nas Escalas de Estresse, Ansiedade e Depressão: Uma Investigação com Acadêmicos da Amazônia/leaa-Ufam. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, 2.; CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, São Bernardo do Campo. **Anais...** São Bernardo do Campo: Fapesp, 2011. p. 1- 8

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. O mal-estar na docência: causas e consequências. **Educação – PUCRS**, v. 19, n. 31, p. 139- 146, 1996.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. O mal-estar na docência: causas e consequências. **Revista da ADPPUCRS**, n. 32, p. 23- 34, nov. 2000.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.13-33.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Editora do Porto, 1995.

NUNES, Maria Lucia Tiellet; TEIXEIRA, Rita Petrarca. Burnout na carreira acadêmica. **Educação – PUCRS**, v. 23, n. 41, p. 147-164, 2000.

OLIVEIRA, Camila Fagundes de; SILVA, Lisandra Oliveira; MOLINA NETO, Vicente. Arquitetura escolar e o ensino de educação física: relações (im)possíveis. **Pensar a Prática**, v. 14, n. 2, p. 1-10, maio/ago. 2011.

PACIEVITCH, Thais; GIRELLI, Eliane; EYNG, Ana Maria. Violências nas escolas: mediação de conflitos e o clima escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EDUCERE, 9.2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009. p. 7066 - 7079.

SAMPAIO, Adelar Aparecido. **Programa de Apoio ao Bem-estar Docente**: construção profissional e cuidar de si. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SAMPAIO, Adelar Aparecido. **Vivências de docentes e de seus licenciandos no final de formação e passagem para o mundo do trabalho**: mal/bem-estar docente/discente, autoimagem e autoestima. 2014. 198f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SAMPAIO, Adelar Aparecido; STOBÄUS, Claus Dieter. Programa de apoio ao bem-estar docente: resultados quantitativos passados dois anos de seu desenvolvimento In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2; SEMANA DE PEDAGOGIA, 13. 2009, **Anais...** Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2009. p. 1-11.

SAMPAIO, Adelar Aparecido; STOBÄUS, Claus Dieter. Avaliação qualitativa de programa de apoio ao bem-estar docente. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, SEMANA DE PEDAGOGIA, 2. 2010. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2010. p. 1-13.

SANTINI, Joarez. **Síndrome do esgotamento profissional**: o “abandono” da carreira docente pelos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2004. 123f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n.3, v.19, p.209-222, 2005.

SILVA, Marcio Salles da; KRUG, Hugo Norberto. Os sentimentos de bem ou mal-estar docente dos professores de Educação Física Escolar no ensino fundamental de Santa Maria (RS): um estudo fenomenológico. **Biomotriz**, n. 2, p. 39-46, nov. 2004.

SINOTT, Edilene Cunha *et al.* Síndrome de *Burnout*: um estudo com professores de Educação Física. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 519-539, abr./jun. de 2014.

SOUZA NETO, Samuel; SARTI, Flávia Medeiros; BENITES, Larissa Cerignoni. Entre o ofício de aluno e o *habitus* de professor: os desafios do estágio supervisionado no processo de iniciação à docência. **Movimento**, v. 22, n. 1, 311-324, jan./mar. de 2016.

STOBÄUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. **A formação do professor**: do mal-estar ao bem-estar na docência: relatório parcial. Porto Alegre: FAGED/PUCRS, 2009.

VEENMAN, Simon. El proceso de llegar a ser profesor: un análisis de la formación inicial. *In*: VILLA, Aurelio (Coord.). **Perspectivas y problemas de la función docente**. Madrid: Narcea, 1988. p. 39-68.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz *et al.* Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, v.12, n. 2, p. 9-33, maio/ago. 2006.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. **Mudanças sociais e o trabalho docente do professorado de educação física na escola de ensino fundamental**: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2009. 227f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, UFRGS, 2009.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; MOLINA NETO, Vicente. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Movimento**, v. 11, n. 1, p. 47- 70, jan./abr. 2005.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano. Mudanças sociais e o trabalho docente de professores de Educação Física na escola: estudo a partir de histórias de vida. **Movimento**, v. 18, n. 1, p. 149-169, jan./mar. 2012.

